

***REFLEXÕES POÉTICAS E POLÍTICAS SOBRE PROTESTOS DE RUA:
PERFORMATIVIDADES CRIADAS EM AÇÕES COLETIVAS***

Jamysson Ian Lima Souza (UFPB)¹

RESUMO

Na história brasileira sustentada pela lógica neoliberal, muitas são as táticas conservadoras para silenciar e marginalizar determinados setores da sociedade. O projeto é, escancaradamente, pautado numa ideia de cerceamento de liberdades, defesas a ideologias tradicionalistas e discriminação as diversidades. É no atual contexto de ascendência ultraconservadora do Brasil que, nos últimos anos, vários grupos sociais estão num processo de ocupação das ruas para defender direitos e repudiar ações que ferem o sistema democrático. Assim, esses sujeitos inconformados com o estado das coisas, tentam se tornar visíveis em espaços de invisibilidade por meio de suas reuniões e assembléias - como diz Judith Butler ao pensar os corpos em aliança e suas conexões performáticas. A partir desse cenário de crise estrutural, esse trabalho tem como interesse refletir sobre alguns protestos de rua, olhando vários modos de mobilizações como: caminhadas, ocupações, interdições de avenidas em ações diretas e, a partir da ideia de performatividade, serão analisados os movimentos desses grupos que se juntam nas ruas com pautas muitas vezes distintas, mas, lutando pelas liberdades de aparição e direitos humanos se conectam (in)voluntariamente. Serão recortadas algumas ações realizadas na cidade de João Pessoa-PB, em que foram observadas no segundo semestre de 2020 como parte da pesquisa de iniciação científica (em andamento), que busca analisar os protestos a fim de criar uma composição performática. Nesse sentido, o conceito de “Corpomapa”, idealizado pela pesquisadora Líria Morais, se torna útil para embasar essa discussão no que diz respeito ao mapeamento poético do espaço, analisando sua natureza concreta, mas, também, as ignições subjetivas que levam determinados corpos a comporem na rua suas danças de indignação perante crises sociais, econômicas, políticas e culturais.

PALAVRAS CHAVE

Protestos de Rua, Performatividade, Mapeamento Poético

ABSTRACT

¹ Estudante da Licenciatura em Dança na UFPB onde, atualmente, desenvolve uma pesquisa de iniciação científica voltada ao estudo dos protestos de ruas numa perspectiva das artes do corpo. Essa, orientada pela Prof. Dra. Líria Morais é também fomentada pelo CNPQ.

In the Brazilian history supported by the neoliberal logic, numerous are the conservative tactics to silence and marginalize specific sectors of society. The project is, openly, based in an idea of freedom curtailment, defenses to traditionalist ideologies and diversity discrimination. It is in the present context of the ultraconservative ascending in Brazil that, in the recent years, many social groups are in a process of occupation of the streets aiming to defend rights and to repudiate actions which attack the democratic system. Thus, these individuals unhappy with this scenario, try to make themselves visible in spaces of invisibility through their meetings and assemblies – as Judith Butler affirms, by thinking of bodies in alliance and their performative connections. From this view of a structural crisis, this works has the objective to reflect on some street protests, considering the variety of mobilization modalities as: walks, occupations, avenues' interdiction in direct actions and, from the idea of performativity, the movement of these groups are going to be analyzed, groups which get together on the streets, many times with distinct agendas, but fighting for the freedom of apparition and human rights get connected (in)voluntarily. It is going to be used some actions realized in João Pessoa-PB, which were observed in the second semester of 2020 as part of an initiation scientific research (ongoing project), which seeks to analyze the protests with the objective to create a performing composition. In these terms, the concept of “Bodymap”, idealized by the researcher Líria Morais, turns to be a useful ground for this discussion in respect of the poetic mapping from the space, analyzing its concrete nature, and also the subjective ignitions which take specific bodies to compose on the streets their indignation dances in the face of social, economic, political and cultural crisis.

KEYWORDS

Street Protest, Performativity, Poetic Mapping

Pensar a história brasileira olhando as mobilizações políticas que aconteceram e acontecem é, de certa forma, compreender a importância delas para a tessitura dramática dos territórios urbanos. Esse modo organizacional que dita a forma dos espaços públicos é sustentado por uma lógica capitalista, fñcada em ideias neoliberais e com acordos fixos com o conservadorismo, faz com que o movimento dos corpos deva sempre estar alinhado a um formato tradicionalista da grande burguesia, e a rua dita, por Simas (2019), vai se tornando cada vez mais um lugar de perda de afetos em prol da urgência cotidiana.

A implantação do projeto neoliberal acontece no Brasil tardiamente - se comparado com outros países da América Latina - mas, como aponta Filgueiras (2006), apesar do atraso,

aconteceu de forma efetiva, pois o fortalecimento do bloco dominante burguês que, sempre tomou as rédeas da gestão do Brasil, a partir de então começou a gerir alinhado a onda hegemônica mundial refém do capitalismo.

Da mesma forma, as concepções conservadoras norteiam o país desde a invasão da coroa portuguesa até as atuais atividades democráticas como explicam as autoras a seguir:

Podemos enfatizar a “corrente conservadora” então como instrumento utilizado para disseminar o ódio e o preconceito pelas classes subalternas, com plena finalidade de manutenção da ordem vigente e da propriedade. Afinal, o mesmo diverge de conceitos antinaturais, assim como da igualdade, da democracia, de direitos inalienáveis entre outros (FRANÇA; MACIEL; SILVA, 2020. p. 260).

Assim, compreendendo a ideia de manutenção da ordem, o conservadorismo resiste há tempos nesse continental país da América do Sul, implicando diretamente na cinética espacial da cidade e, enfrentando aquelas pessoas que teimam em subverter esses comandos que são políticos - compreendendo o sistema-, mas, também, são culturais. Nesse sentido, tenho interesse em refletir durante esse texto o modo como os protestos acontecem na cidade e a potencialidade deles - em seus múltiplos formatos - em produzir novas configurações de rua à medida que corpos performam desobedecendo os padrões impostos.

A princípio, devemos entender que, a cultura de ir para a rua repudiar incômodos no Brasil não emerge de agora. É nítido que, desde de 2013 com a Jornada de Junho, que tinha como mote a oposição ao aumento de tarifas em transportes públicos e gastos exorbitantes com eventos esportivos de cunho internacional, uma onda de ocupações e protestos nas cidades brasileiras vêm sendo engendradas, como o “Fora Temer” em 2016, o “Fora Bolsonaro” em 2021, a favor da vacinação contra o Covid-19 e assistência financeira para pessoas em vulnerabilidade social nessa época.

Entretanto, se fizermos um caminho de volta a história brasileira, um dos elementos que constroem a identidade das ruas são essas mobilizações, como diz Fornaciari (2016) ao falar sobre os “Caras Pintadas” contra o ex-presidente Collor em 1992 e as “Diretas Já” entre 1983 e 1984; essas atividades coletivas, que na maioria das vezes se colocam contra a ordem vigente e a favor de pautas democráticas (as mobilizações que interessam a esse estudo), sempre provocaram a grande burguesia, pois a partir do momento em que o povo se junta para performar suas revoltas, acontece um processo de afetação as estruturas sociais por meio do afeto em repúdio daquele coletivo.

É nítida a insatisfação burguesa para com o povo que se rebela quando Schwarcz e Starling (2015) no livro: “Brasil: Uma Biografia” vão falar do momento em que a coroa portuguesa chegou a se incomodar com os protestos que aconteciam no Brasil Colônia, a ponto de precisar nomear os diversos formatos dessas ações, a fim de criar disciplinas mais rígidas para os revoltosos. Por exemplo: era dado o nome de Insurreição para uma ação com um único objetivo; Sedição para protestos de dez pessoas armadas e Rebelião em atos que reuniram mais de trinta mil indivíduos.

Essas múltiplas nomeações que as autoras trazem na obra, auxiliam no entendimento da pluralidade performativa destes atos. Existem elementos que constituem suas singularidades e os fazem serem percebidos e moldar o corpo da rua em formatos distintos.

Não preocupado com uma linearidade historiográfica, irei refletir por alguns protestos que me chamam atenção na história brasileira, suas singularidades e as características do que pode ser entendido poeticamente como performances. Após esse passeio histórico, irei me deter a algumas mobilizações que aconteceram na cidade de João Pessoa- PB, entre os anos de 2020 e 2021, essas reflexões, acerca desses coletivos, formarão uma ideia de que as danças de protestos feitas por grupos inconformados com as condutas do Estado são importante para preservação das liberdades e que, apesar dos direitos constitucionais, estratégias neoliberais e condutas violentas dos sistema de segurança para com sujeitos revoltosos, confrontam a tão importante liberdade de expressão num sistema democrático.

Com isso, as artes do corpo, auxiliando esses pensamentos políticos irão poetizar os argumentos sem romantizar as feridas que, nos últimos tempos só fazem inflamar no Brasil, palco de um avanço radical da extrema direita e de ações autoritárias para com quem usa da arte como artefato para pensar a sociedade contemporânea.

Passeata dos Cem Mil como deriva em protesto...

A partir do Golpe Militar de 1964 tensionamentos políticos levaram a restrições de liberdades e aumento de coerções aos opositores por parte do governo militar, que formatava o Estado em um ideal autoritário e que, alcança em 1968 a normativa mais incisiva que implicava na legitimação da censura e tortura aos subversivos: era o AI-5 (ato institucional número cinco). Até chegar neste decreto muitos embates políticos e ideológicos aconteceram,

sobretudo durante o ano de 1968, quando o mundo vivia uma onda de luta por direitos humanos e contra barbáries por parte de governos conservadores.

No Brasil, antes do AI-5, era comum haver manifestações de massas, reuniões de grandes multidões nas avenidas e outros modos de performar as revoltas. Entretanto, no ano do decreto, com o assassinato do jovem estudante Edson Luís (morto por policiais durante um discurso em manifesto num restaurante público), as tensões entre povo e governo se agravaram gerando o aumento substancial de mobilizações contra a gestão federal.

Após a morte de Edson, valado por vários membros da comunidade estudantil que cobriram seu corpo com cartazes de denúncia e, posteriormente, seu caixão com a bandeira do Brasil, setores da sociedade envolvendo artistas e estudantes organizaram a histórica “Passeata dos Cem Mil”.

Essa, como apontam Zappa e Soto (2018), foi uma caminhada pelas ruas do Rio de Janeiro que, envolvendo falas potentes contra a ditadura, faixas, cartazes e uma mudança no formato da cidade ao passo que a multidão deu um novo corpo às ruas, provocou o que pode ser entendida poeticamente como uma performance. Uma dança coletiva de pessoas incomodadas e preocupadas com a brutalidade do Estado que previam um endurecimento no regime político, mas, pensando a todo instante, em estratégias de resistências.



Figura 1: Passeata dos Cem Mil em 1968. Foto: Evandro Teixeira

Com a revolta do povo em relação a morte de Edson Luís, havia nos dias que antecederam a passeata uma quietude do governo para não se envolver em mais polêmicas.

Acabou que, durante o ato do dia vinte e seis de junho, Zappa e Soto (2018) escreveram que não houve grandes repressões por parte do policiamento no momento em que a multidão caminhava de mãos dadas e sem um sorriso no rosto.

Os corpos que performaram naquele dia a luta com luto, usavam do ato de derivar pela cidade, a partir da ideia de Careri (2014) como modo de demarcar um território que não poderia sofrer mais com a brutalidade militar. Isso aconteceu e acontece até os dias de hoje, ao pensar que o sistema usa os policiais como coordenadores do movimento da cidade. Uma coreografia da ordem conservadora que impera há tempos!

Esses agentes responsáveis por manter a coreografia robótica dos corpos que transitam pela cidade, possuem uma funcionalidade de censura que é inerente. Por existir eles cerceiam. Tal ideia de impositores da cinética urbana é trazida pelo teórico das artes do corpo André Lepecki, quando diz:

Vamos considerar aqui “polícia” um ator social na coreopolítica do urbano atual, uma figura sem a qual não é de todo possível pensar-se a governamentalidade moderna. Uma figura também cheia de movimento, particularmente o ambíguo movimento pendular entre a sua função de fazer cumprir a lei e, a sua capacidade para a sua sus-pensão arbitrária; uma figura cujo espetáculo cinético é de chamar para si o monopólio sobre a determinação do que, no urbano, constitui um espaço de circulação, tarefa que executa não apenas quando orienta o trânsito, mas também quando executa com alarde a sua performance de transgressão de sentidos de circulação na cidade (...) (LEPECKI, 2011, p. 51).

É possível compreender que, mesmo sem haver um ataque de censura evidente na Passeata dos Cem Mil, bastou a presença deles para que uma performatividade intimidadora estivesse na atmosfera. Em relação a dança dos que protestavam, a ignição para o movimento era um estado corporal de raiva, medo e incerteza do que viria pela frente. E veio.

Chegando dezembro de 1968 o AI-5 é instaurado como uma nova música para se dançar. O movimento tinha que ser robótico e, literalmente, obediente. Tais mecanismos de manter a obediência social persistem nos tempos e se encobrem numa constitucionalidade repleta de saudosismo aos tempos ditatoriais.

Performatividades revoltosas frente a intervenção na UFPB:

Existe, nos últimos anos, uma ascendência da extrema direita em governos espalhados em todo o mundo. No Brasil, com a eleição de Bolsonaro em dois mil e dezoito, uma metodologia de autoritarismo e saudosismo a períodos de ditadura militar - como falado anteriormente -, foi usada para deixar mais latente as alianças com setores tradicionalistas e, criar mais embates com camadas que defendem princípios democráticos e de soberania popular.

Tais golpes a nossa frágil democracia se espalham desde o começo do mandato do atual presidente da república, chegando ao campo da educação que, sem dúvidas, é uma área de interesse da grande burguesia conservadora pois, detendo o capital, busca a todo custo controlar os moldes educacionais para que seja refém de seus interesses e, distante de estruturas que compreendam as diversidades de saberes.

Para a burguesia, ter o controle da educação, promove a constante submissão do povo ao modelo tradicional. Caso esse domínio seja perdido, performances revoltadas acontecem por aqueles que acreditam na construção social pela educação.

Com esse projeto de sucateamento nesses espaços, uma das estratégias do presidente para aproximar sua presença a diversas partes do país, foi nomear interventores em instituições federais de ensino superior, ou seja, confrontar com a liberdade de cátedra como aponta Leher (2019) e, desobedecer a autonomia das universidades em escolher suas e seus representantes.

Esses interventores, coreografam um movimento de submissão ao governo federal, conectando ideologias opressoras e, fazendo com que seja fomentado o preconceito existente nesses espaços, que deveriam ser territórios para que diversas epistemologias sejam pensadas. Ao contrário disso, professores, estudantes e outras pessoas que compõem esses equipamentos são, nos últimos anos, alvos de censura e perseguição por parte dos representantes nomeados ilegitimamente pelo representante do executivo.

Na Universidade Federal da Paraíba o ataque à democracia institucional chegou em novembro de dois mil e vinte, quando Terezinha Domiciano, eleita pela maior parte da instituição não foi nomeada, perdendo o lugar para um aliado do governo que se aproximava ideologicamente das narrativas do mesmo.

A partir do momento em que tal golpe foi instalado, estudantes, professores e pessoas da comunidade civil da Paraíba se reuniram em João Pessoa (capital do Estado) para manifestar de várias formas suas indignações frente ao absurdo antidemocrático.

A partir desse contexto, muitos modelos de protestos foram surgindo, com suas corporeidades, fluxos, movimentos e sons. Usando da rua como palco dessas atividades as pessoas começaram a se conectar, pensando o que Butler (2019) fala sobre corpos em aliança, para performar no urbano suas insatisfações, aliando a pauta comum (intervenção), cada um trazia mais críticas ao governo e necessidades que precisavam ser pensadas naqueles espaços que eram suporte para dança dos inconformados.

Foram feitas muitas passeatas pelas ruas da capital paraibana, usando cartazes, carros de som, coreografias improvisadas para unificar o corpo coletivo e, assim, criando um encadeamento de simbolismo à situação. Esses processos, podem ser pensados como uma construção dramática de uma experiência performática na cidade de João Pessoa. Tal experiência buscava, dentre tantas coisas, defender a liberdade dos corpos e o poder de escolha dos que constroem a Universidade para escolher seus representantes.

Esse movimento subversivo, que confrontava as decisões ilegítimas, compreendiam o urbano como lugar para tornar visíveis suas insatisfações, todavia, como já foi falado, a cidade contemporânea é construída para ser espaços de engessamento social e de corpos urgentes e obedientes ao modo ansioso do capitalismo.

Quando os grupos de manifestantes constroem um movimento inverso ao que está imposto politicamente, a coreopólicia dita por Lepecki (2011), surge para reprimir e, evidenciar o projeto performático do sistema político de criar uma dança social guiada por uma pausa, um silenciamento e uma cegueira. Para eles, não podemos nos mover. Quem se move desobedece.

Podemos aliar isso ao que Salvatti vai falar sobre *Pranks* ao pensar essas ações em performances de rua que se contrapõem a lógica hegemônica vigente:

- os *pranks de situação* são aqueles em que são criadas situações artificiais, por vezes conflitantes com as que seriam esperadas de um determinado ambiente ou grupo. Tanto os proponentes das ações, quanto transeuntes ou mesmo policiais se vêem imersos em acontecimentos alternativos ou usuais, que, por vezes, exigem tomadas de decisões políticas (SALVATTI, 2010, p. 46).

Dessa forma, a rua como território de acontecimentos múltiplos, fez com que se criassem conexões entre os sujeitos protestantes e, aqueles que não sabiam do acontecido. Nesse caso, tanto os que se interessavam quanto os que desconheciam estavam interligados pela performance coletiva que dava um novo corpo à cidade de João Pessoa. Os corpos se moldavam para manifestar e a rua ganhava uma nova configuração política e poética em função daquele grande grupo que dançava os repúdios.



Figura 2: Manifestação Contra o Golpe na UFPB. Autor: Abraão.



Figura 3: Interdição de Avenida Contra o Golpe na UFPB. Autor: Abraão

Observando as duas fotos que foram expostas anteriormente, alguns elementos - além dos corpos manifestantes - constituem a imagem do ato político. Desde as faixas e cartazes com suas grafias diversas que explicam o motivo pelo qual o grupo está performando na rua,

até a disposição do conjunto de pessoas que, só realizam a dança pelo fato de estarem unificadas. Conectadas pela repulsa ao golpe.

Percebendo a manifestação poeticamente, fica evidente que o elo é a raiva e, o movimento de caminhar na avenida que circunda a Universidade Federal da Paraíba se faz como uma demarcação geográfica de corpos em suas diversidades para com um território refém de uma violência ideológica. Estudantes e professores caminhavam e, além disso, tornavam sonoras suas raivas, dizendo: “*A verdade é dura, intervenção é coisa de ditadura!*”.

Atualmente, em dois mil e vinte dois, o interventor permanece na gestão, bem como outros reitores nomeados sem que tenham sido eleitos em todo o Estado Brasileiro. Apesar de uma resistência constante e cansativa, aqueles que acreditam em vias democráticas para manter o país continua performando suas revoltas, dançando, cantando, desenhando suas insatisfações e construindo poéticas do corpo que são galgadas num tom de uma esperança que não é romântica, pelo contrário, é dolorida!

Considerações Finais:

Retornando ao apanhado histórico que serviu como ignição no começo desse texto, fica notório que, as crises políticas, sociais e culturais construídas pela burguesia conservadora desembocam em ações subversivas por parte de parcelas marginalizadas da sociedade, essas, sempre existiram como forma de revelar problemas conjunturais que são velados.

São muitas as formas pelas quais o povo ao ocupar as ruas consegue mostrar suas angústias e, de forma lúdica, chamar a sociedade para aglutinar em suas performances. Usa-se desde elementos gráficos até artefatos que geram ações mais incisivas como: pneus queimados para mostrar o quão profundas são suas raivas.

Essas condutas, compreendidas aqui como danças que se contrapõem a lógica neoliberal, causam um incômodo a segurança pública que, usam de censura e repressão para inibir o povo de exercer suas liberdades de assembléia como bem diz Butler (2019). A polícia no Estado capitalista, coreógrafa, historicamente, uma dança do engessamento social que se propõe a estimular os sujeitos a moverem somente a partir de seus interesses.

O modo como o povo protesta, por mais pacífico que seja, é contrária à estrutura da cidade, como foi possível observar quando foi pensado sobre a Passeata dos Cem Mil em 1968.

Apesar de ser somente uma caminhada, uma multidão construía um corpo que modelava a rua para um outro corpo. Outra funcionalidade. O povo, nesse episódio de 1968, não performou uma caminhada silenciosa querendo obedecer, mas em luto por um estudante que morreu em luta. Edson Luís, presente!

Na Universidade Federal da Paraíba, as formas como foram engendradas as resistências frente a intervenção, apesar de, uma delas ter sido uma caminhada pacífica, se assemelhando a de 1968, aconteceu em outro tempo, com outros motes para dança, findou com uma queima de pneus, mas, em comum, tinha a revolta pelas truculências de um Estado em que a democracia respira com ajuda de aparelhos e, tem as ruas como palcos para danças coletivas de manifesto ao sistema vigente.

É preciso que o direito de performar a insatisfação na cidade seja garantido sem que haja interferência do governo. A liberdade de expressão se faz como um dos pilares que dá significado ao cerne de uma sociedade democrática e, por isso, precisa ser defendida por todos, usando da história como mote para não esquecer o tempo e construir ambientes mais livres de interferências autoritárias.

O corpo, por sua vez, precisa ser artefato de afetação por meio do afeto para que mudanças sejam pensadas e instaladas. As manifestações como danças coletivas são articuladas por vários indivíduos que constroem um corpo gigante e coletivo para ser visto, ouvido e sentido. Assim, pensar poeticamente essas atividades de cunho político é compreender que por mais objetivo que seja os interesses buscados, são pensados a partir de subjetividades de corpos que dançam a partir da sensibilidade que os unem para lutar.

REFERÊNCIAS CITADAS:

BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARERI, Francesco. **Wallscape**: caminhar como prática estética. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2014.

FILGUEIRAS, Luiz. **O neoliberalismo no Brasil**: estrutura, dinâmica e ajuste do modelo econômico. En publicación: **Neoliberalismo y sectores dominantes**. Tendencias globales y experiencias nacionales. Basualdo, Eduardo M.; Arceo, Enrique. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. Agosto, 2006.

FORNACIARI, Christina Gontijo. **Junho de 2013**: arte e política em performances do corpo social. Revista Pitágoras 500, Campinas, v. 6, n. 1, p. 35-46, jan/jul, 2016.

FRANÇA, M. H. O; MACIEL, V. V; SILVA, S. M. P. **Conservadorismo como Instrumento Capitalista em Tempos de Barbárie**. Revista Catálisis, UFSC- Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 256-265, maio/ago, 2020.

LEPECKI, André. **Coreopolítica e Coreopólicia**. Ilha: Revista de Antropologia, UFSC- Florianópolis, v.13, n. 1-2, p. 41-60, 2011.

LEHER, Roberto. **Autoritarismo Contra a Universidade**: o desafio de popularizar a defesa da educação pública. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

SALVATTI, Fabio Guilherme. **O Prank Como Opção Performativa Para a Rede de Ativismo Político Contemporâneo**. 2010. 172 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SCHWARCZ, L. M; STARLING, H. M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SIMAS, Luiz Antonio. **O Corpo Encantado das Ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SOTO, Ernesto; ZAPPA, Regina. **1968**: eles só queriam mudar o mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

